

MARIA BUENO: UMA SANTA NÃO CANONIZADA

Ana Eliza Caniatti Rodrigues

Especialista em História da Arte Sacra
Conservadora e Restauradora de Bens Móveis
ana.caniatti@yahoo.com.br

Palavras Chaves: Imaginária, iconografia, história, santa popular.

Resumo

Este estudo declina sobre o desenvolvimento do culto popular devocional à Santa Maria da Conceição Bueno. É possível observar como se fortalece a iconografia de santos não canonizados, a partir das estatuetas reproduzidas em gesso. Maria Bueno é considerada santa pela população de Curitiba. Maria Bueno pertencia a uma classe social mais baixa e foi morta por seu amante em 1893. Desde então é crescente sua popularização como mártir. Seus restos mortais estão numa capela pintada de azul com detalhes em dourado, localizada no Cemitério Municipal de Curitiba. Em cima do túmulo, há uma imagem de Maria Bueno em proporções naturais. Ao redor, diversas placas votivas de agradecimento pelas graças concedidas aos fiéis. Para a Igreja Católica, Maria Bueno não é santa, e não existem provas de que ela realize milagres. A pesquisa abrange os aspectos artísticos relacionados à iconografia da ‘santinha popular’. As variações com que as imagens são representadas nas populares esculturas de gesso comercializadas em Curitiba distinguem certa liberdade de representação artística, se comparado aos santos canonizados.

O caso de Maria Bueno

Maria Bueno pertenceu às camadas humildes da sociedade e foi assassinada brutalmente pelo seu amásio em 1893, quando tinha 29 anos. Desde então é crescente sua popularização como mártir. Não há muitos documentos retratando a vida e história de Maria Bueno na Biblioteca Pública do Paraná, sendo que alguns desapareceram. Desta forma, muitas referências foram buscadas diretamente com pesquisadores e a partir de fontes populares.

Neste artigo tratarei dos aspectos relevantes que ao longo de 120 anos da sua morte, foram dando destaque a esta carinhosamente cognominada de “Santinha”. Além disso, é possível observar a variedade estilística das representações da imagem de um santo popular, isto é, não canonizado pela Igreja Católica. Em particular proponho analisar sua imagem e o quanto pode se tornar ampla a iconografia da “Santinha de Curitiba” - Maria Bueno. As alterações na cor de suas vestes e principalmente na cor de sua pele revelam a liberdade artística com que os fiéis a idealizam. Segundo Sandra Stoll¹, não foram encontrados documentos suficientes para provar com veracidade sua biografia, já que Maria Bueno era anônima, até a sua morte, fato que verdadeiramente originou o culto à essa santa.

As versões sobre a vida da jovem são distintas e fazem parte de uma construção popular coletiva, o fato é que este trabalho se inclina principalmente sobre o culto a Maria Bueno e a produção de imagens, advento que surge após sua morte. As publicações que circulam através de jornais na cidade de Curitiba, afirmaram que Maria da Conceição Bueno, nascera em 8 de dezembro de 1864, provavelmente na cidade paranaense de Morretes, na localidade de Porto de Cima (distrito da cidade de Morretes). Os moradores apontam uma casa, nos arredores da Igreja de São Sebastião como sendo o local do seu nascimento e onde passou parte da infância, antes de se mudar para Curitiba quando ainda era jovem.

O assassinato de Maria Bueno foi tratado sem grande destaque, por dois jornais periódicos da capital, o Diário do Comércio e A Republica. Um assassinato havia acontecido: “pobre mulher de vida alegre, parda

¹ Sandra Jacqueline Stoll. [et AL]. *Maria Bueno: santa de casa*. Curitiba, Edição do autor, 2011.

havia sido encontrada morta em um capão de mato afastado da Rua Campos Gerais, degolada pelo Praça, com quem vivia amasiada e com ela queria se casar”.

Na madrugada de 29 do mez que acaba de findar-se deu-se nesta Capital em um capão do matto afastado da rua dos Campos Geraes o assassinato de uma mulher de nome Maria Bueno. As autoridades policiais tendo conhecimento do facto, dirigirão-se (sic) ao local, e, depois das preciosas investigações, fizeram transportar o cadáver para o necrotério, onde procedeu-se o corpo de delicto, verificando-se que o crime foi cometido na madrugada do referido dia e que a morte fora devida a uma quasi decapitação. O Sr. Chefe de Policia está procedendo, na respectiva repartição as precisas investigações, achando-se indiciado como autor do crime o anspçada de 8º Regimento de cavalaria, Ignácio José Diniz, que estando de guarda no quartel, fugira a meia noite apresentando-se às quatro horas da madrugada, mais ou menos. Esta praça estava amasiado com a infeliz Maria e com Ella queria casar-se ultimamente. E’ voz geral ser Diniz o culpado, mas ao certo nada se, pode dizer, pois do depoimento dos testemunha nenhum esclarecimento ainda tem colhido. Louvamos a actividade que tem desenvolvido o Dr. Chefe de Policia para descobrir o autor ou autores do crime. (DIÁRIO DO COMÉRCIO, Curitiba, p13, 30 de jan. de 1883).

Stoll aponta que alguns² estudiosos acreditam que Maria Bueno era cabocla, outros dizem que era mulata, vezes era classificada como “mulher de vida alegre”, “prostituta”, ou ainda, “mulher pura” e “mártir”, que morreu defendendo sua castidade. O que se pode confirmar através das publicações em periódicos, é que era uma mulher das camadas populares, desconhecida, e que o modo como foi morta chamou a atenção da sociedade da época, tornando-se uma figura pública.

Mesmo sem destaque nas noticias, Maria Bueno ficou na memória do povo de Curitiba, que a associou a um modelo de mártir e ficou curiosa com os relatos dos milagres realizados por ela. A população queria saber onde estava enterrada a mulher que sofreu tortura e morreu. Aos poucos a manifestação popular no local de sua morte e mais tarde em seu túmulo, mostrou que Maria Bueno não seria esquecida facilmente.

105

Quarenta anos após o crime, um artigo de página inteira publicado no Jornal Gazeta do Povo, foi a primeira notícia sobre Maria Bueno depois de sua morte, destacando suas virtudes, o martírio, e o destino de seu algoz.

[...] Que era que alimentava a preocupação popular em torno do assassinato de uma desconhecida? Ninguém saberia dizer e, entretanto, nenhum crime dessa natureza abalara tanto o sentimentalismo curitibano. Por quê? Passaram-se os meses, passaram-se anos e a lembrança desse crime continuou. Passaram-se 40 anos e a lembrança da vitima não perdeu intensidade. Por quê? Porque Maria Bueno foi uma vitima da sua própria bondade, que a fez mártir. Por isso todas as almas ansiosas e sensíveis, todas as criaturas sofredoras lhe prestam, ainda hoje e o farão por largo tempo ainda, o culto da sua devoção. Em torno do seu túmulo, no cemitério municipal da cidade, as promessas se multiplicam de ano a ano. Gerações que não a conheceram lhe prestam à memória, o mesmo culto. E assim se fazem as devoções e se consagram os mártires. O tempo é criador até de divindades. Daqui a cem anos, quem sabe! A imagem da modesta criatura talvez repouse nos altares, até lá erguida pela força espiritual dos seus crentes de agora. A psicologia das multidões é que faz os heróis e os santos (...). (GAZETA DO POVO, Curitiba, p.05, 18 de jan. de 1934).

Em 1936 o Jornal Estado do Paraná, publica outro artigo sobre as crescentes manifestações religiosas junto à sepultura da santa no Dia de Finados, mas dessa vez a santa é traçada como ébria e boemia:

Há no Cemitério Municipal um tumulo humilde que a crença popular vai consagrando. (...) Que passou pelo mundo desgraçadamente. Viveu no lodo. A vida fácil das infelizes. Em um dia os seus olhos se cerraram com rictus de dores. Um grupo de soldados ébrios e sanguinários retalhou seu corpo. Foi na Avenida Vicente Machado. Há muito anos. O crime impressionou. E a vitima se chamava Maria Bueno, teve sua triste memória consagrada pela crendice popular. A sua tumba vão postar-se genuflexas, a tecer preces, gentes

² A partir das publicações vinculadas em jornais periódicos, os fiéis e os estudiosos ficaram com a opinião dividida quanto à aparência e postura sócio moral de Maria Bueno.

abastadas e humildes. Já se murmura dos milagres de Maria Bueno. Ela ainda será em santa transformada. A santa Maria Bueno. O nome até se presta. Será que a pobre Maria Bueno, ébria e Boêmia pensou algum dia no seu destino? Certamente não. Ela poderia ter pretensões a tudo, menos a santificação. (ESTADO DO PARANÁ, Curitiba, p.03, 04 de nov. de 1936).

As opiniões se divergem quanto a postura moral de Maria Bueno, mas sua popularidade aumentava ao passar do tempo devido a crença pública e aos comentários dos devotos que depositavam sua fé na santinha de Curitiba, mostrando que Maria Bueno, não se trata de uma santa consagrada oficialmente e sim, uma santa escolhida pela população como sua representante no campo divino.

A Igreja Católica

É relevante observar que a produção de textos envolvendo o “fenômeno religioso Maria Bueno” começou em meados dos anos 30 e que a Igreja local não proferiu comentários até a década de 70 quando o porta voz da Cúria Curitibana, Ângelo Antonio Dallegrave, publicou em nota oficial no Jornal A Voz do Paraná o posicionamento da Arquidiocese:

Maria Bueno nunca foi santa. Nunca imitou Jesus Cristo nem nunca será canonizada. Nós católicos, não temos qualquer devoção a esse culto indevido que as pessoas sem instrução religiosa manifestam, chamando-a de santa. (...) A sua inexplicável devoção teria surgido porque, por aqueles tempos, quando alguém morria assassinado, por piedade, as pessoas assinalavam o local com uma cruz e muitos ascendiam velas, pela alma da pessoa morta. (...) É preciso esclarecer, porque muitos pensam que se trata de uma santa, mártir como Santa Maria Goretti, Santa Inês ou outra da igreja. É necessário esclarecer o povo para que não dêem crédito as falsas graças e milagres atribuídos à Maria Bueno. (...) Maria Bueno não é santa (...) foi uma dessas pobres mulheres da vida airada. Santos são aqueles que imitam a Cristo e dão testemunho de sua fé pelas obras praticadas pela heroicidade de suas virtudes. (DALLEGRAVE, 1974, p. 02, total de páginas 181).

Mesmo com as contrariedades da Igreja, é provável que o culto à Maria Bueno tenha se intensificado a partir da atitude dos padres da época, em não realizar o ritual fúnebre e missa de sétimo dia. A população estarrecida com o crime começa a acender velas no local onde o corpo foi encontrado, na tentativa de abençoar a vítima, como afirma Dallegrave.

Irmandade Maria da Conceição Bueno

Na década de 60 foi fundada a Irmandade de Maria da Conceição Bueno – IMCB. Além de difundir a devoção à “santa”, uma das primeiras atribuições da irmandade foi erguer uma capela e transladar os restos mortais do



*Figura 1: Capela Maria Bueno no Cemitério Municipal de Curitiba.
Foto: Crédito Ana Eliza, 2013.*



Figura 2: Dia de Finados na Capela de Maria Bueno no Cemitério Municipal São Francisco de Paula em Curitiba. Foto: Ana Eliza.



Figura 3: Placas de agradecimentos que ladeiam a Capela. Foto: Ana Eliza, 2013.

antigo túmulo para esse novo local que foi inaugurado em uma cerimônia pública num dia emblemático do calendário católico, dia 12 de outubro. (FIG. 1).

Até os dias de hoje os fiéis visitam a capela de Maria Bueno, principalmente no dia de finados (02 de novembro), que recebe chega a receber mais de quatro mil pessoas³, depositando rosas vermelhas, placas em agradecimento às graças alcançadas e difundindo cada vez mais o culto à santa que, segundo a antropóloga Conceição dos Santos, provavelmente não seja autenticado pela Igreja Católica, já que segundo a Igreja, o comportamento em vida de Maria Bueno, desacorda do modelo canônico estabelecido. Santos, apoiada na pesquisa de Pierre Nora, afirma que é possível que Maria Bueno seja referenciada como uma figura relevante no contexto da preservação da memória histórico-social da cidade. (FIG. 2 e 3).

A devoção às imagens

Em “A Escrita da História”, Michel de Certeau, aponta que são necessários quatro elementos para o surgimento e consolidação de um santo. O primeiro deles é a existência da figura do mártir, que funciona como um modelo de vida a ser seguido, geralmente idolatrado pela pureza ou pelos tormentos e torturas que podem ter sofrido para sustentar a fé cristã. O segundo elemento é a existência de um local de romaria, peregrinação, como um túmulo ou cidade natal. O terceiro elemento é o calendário litúrgico, no caso do cristianismo, que organiza os acontecimentos e mantém a regularidade para que o mesmo evento aconteça sem exceção. E finalmente, o importante papel da igreja que reúne a comunidade ligada pela mesma fé e facilita a propagação das informações direcionando a prática religiosa.

É possível encontrar tais elementos apontados por Certeau, no trecho do artigo, publicado pelo periódico Jornal do Estado. “A sua tumba vão postar-se genuflexas, a tecer preces, gentes abastadas e humildes. Já se murmura dos milagres de Maria Bueno. Ela ainda será em santa transformada”.

³ A imprensa noticiou 30 mil pessoas, no Dia de Finados do ano de 2010.

“A *Santinha* de Curitiba”

Segundo Geslline Braga⁴, a população cultua os santos não canonizados da mesma forma que os santos canonizados pela Igreja Católica. Maria Bueno possui diversas representações de sua imagem impressas em santinhos, chaveiros, ímãs, terços, pingentes, fitas e principalmente em estatuetas de bustos em gesso. (FIG. 4)

As únicas estátuas de corpo inteiro encontradas em Curitiba estão em seu túmulo: uma tem tamanho natural, possui coroa e é coberta por um manto de tecido azul e branco. A outra está dentro da capela, possui coroa e tem aproximadamente 80 centímetros.

Observando os diversos tipos de imagem de Maria Bueno que estão em circulação, é possível afirmar que existem varias representações de sua imagem. Encontram-se santinhos em que Maria Bueno aparece com traços africanizados: lábios carnudos, nariz largo e cabelo encaracolado; e outras representações em que ela aparece com traços mais finos, cabelos alisados e tez mais clara. (FIG. 5)

Segundo Braga, possivelmente Maria Bueno sofreu um processo de branqueamento, para atender os padrões estéticos ligados a hegemonia branca, ou até, como uma tentativa de desvincular sua imagem das religiões afro-brasileiras.



Figura 4: Busto em gesso de Maria Bueno. Foto: Ana Eliza, 2013.



Figura 5: Diversas imagen de Maria Bueno. Fotomontagem: Geslline Braga e Vanessa Durango, 2009.

Análise Formal

A leitura das imagens que representam Maria Bueno é realizada apoiada em Erwin Panofsky e Lúcia Marques:

Arcabouço de figura feminina jovem com o tronco reto posicionado de frente. Fixado em base quadrangular na altura do busto. Sua cabeça geralmente é posicionada de frente e levemente inclinada para a esquerda. Possui fisionomia serena. Seu cabelo é curto e penteado e é dividido assimetricamente com maior quantidade voltada para o lado direito. O penteado cobre as orelhas e uma mecha destaca-se sobre a testa. Nas reproduções tridimensionais apresenta um penteado com coque acima da nuca. A cor do cabelo é negra. A sobrancelha é fina e arredondada. Os olhos apresentam-se abertos, podem aparecer nas cores: castanho, negro ou azul. Em algumas representações o nariz é fino e em outras é largo, arredondado e pequeno. A boca é fechada e os lábios são carnudos e delineados, sua coloração tende ao vermelho, mas algumas vezes aparecem na cor natural. O queixo é arredondado. A coloração da tez varia entre a cor branca e mulata. O pescoço tem dimensões proporcionais em relação a cabeça. Comumente aparece vestida com paletó de cor azul claro, sobre uma blusa lisa de cor branca. Uma rosa vermelha com folhas verdes fica locada no encontro das partes do paletó, na altura do seio. (FIG. 6 e 7)

⁴ Geslline Braga et AL. *Maria Bueno : Santa de Casa*. Org. Sandra Jaqueline Stoll. Curitiba, 2011.



Figura 6: Busto de Maria Bueno em gesso policromado. Foto: Vanessa Durango, 2009.



Figura 7: Busto de Maria Bueno em gesso policromado. Foto: Vanessa Durango, 2009.

As vestes

Não há registro de que exista um retrato fotográfico de Maria Bueno. As imagens que representam a santa foram criadas ao longo dos anos, provavelmente pelos fiéis, mostrando sua necessidade de se aproximar da imagem de Maria Bueno. Segundo Braga, as primeiras imagens de Maria Bueno foram criadas a partir da década de XX, quando era mais comum a utilização de roupa com gola no vestuário feminino e cabelos curtos. Na moda do final do século XIX, dificilmente se encontraria mulheres usando paletó, que até então, era considerado veste masculina. Os cabelos curtos, também só se tornaram populares a partir das primeiras décadas do século XX.

As cores no Campo Sagrado

Segundo Marina Sisson, a cor tem um papel relevante na iconografia porque trata de uma linguagem simbólica. As cores são usadas em função das virtudes ou características que representam a vida ou martírio do santo, e não necessariamente tem a mesma função no realismo terreno. Sua função não é apenas estética, mas tenta aproximar o simbolismo atrelado à imagem que se está representando.

Numa imagem canonizada pela Igreja a função da cor é estabelecida no processo de canonização, assim, o iconógrafo, o artista, tem uma liberdade limitada para escolher as cores, devendo sempre manter o padrão determinado pelos cânones.

O Branco

Braga afirma que as vestes de Maria Bueno sugerem dignidade, e as cores, branco e azul, estão diretamente ligadas ao imaginário católico. A cor branca remete à noção de pureza e castidade.

Segundo Sisson, é a cor do reino dos céus, da luz divina, da santidade e da simplicidade. As pessoas justas são representadas nos ícones com vestes brancas. Também é a cor dos lençóis da morte do Cristo e é a cor que o representa após a ressurreição. Também é atribuída a Deus Pai, como símbolo da verdade absoluta. Deus é representado vestindo branco e os anjos também anunciam a ressurreição de Cristo com vestes brancas e fulgurantes. (Mateus 28:3; Marcos 16:5; João 20:12).

No plano profano, o branco representa a virgindade, a inocência, a pureza e a candura. Segundo Israel Pedrosa, o branco em vários rituais é a cor que indica a mudança, as transições do ser, representa morte e nascimento ou ressurreição.

O azul

A cor azul é encontrada na túnica de diversas representações de Nossas Senhoras. O azul celestial é a mais profunda das cores, é a cor do infinito. O azul é, ainda, a mais imaterial das cores, surgindo sempre nas superfícies transparentes dos corpos. (PEDROSA, 2009. P. 126)

Segundo Chevalier,

O azul e o branco, cores marianas, exprimem o desapego aos valores desse mundo e o arremesso da alma liberada em direção a Deus, i. e., em direção ao ouro virginal, durante sua ascensão no azul-celeste. Reencontra-se aí, portanto, valorizada positivamente pela crença no Além, a associação das significações mortuárias do azul e do branco. (CHEVALIER, p.108-109).

Pela visão de superioridade sugerida em comparação com as outras cores, o azul foi escolhido como a cor da nobreza, originando a expressão designativa de ‘sangue azul’. No sentido de reinado, na festa da ascensão da Virgem-Mãe, o ouro solar aparece sobre fundo azul, numa representação de céu sem nuvens.

Rosa vermelha

“Os fiéis mais assíduos vão ao cemitério deixam velas e flores para Santinha, mesmo quando não realizaram promessa alguma”. (SANTOS, 2010) (FIG. 8)

Chevalier afirma que segundo a iconografia cristã, a rosa é símbolo das chagas de Cristo, das gotas de sangue, embora seja o cálice que recolha o sangue de Cristo. E por esta relação com o sangue, muitas vezes, a rosa simboliza um renascimento. No campo de batalha, onde muitos heróis caem, crescem rosas.

Chevalier cita Mircea Eliade, quando o segundo afirma que “É necessário que a vida humana seja completamente consumida para esgotar todas as possibilidades de criação ou manifestação, se de repente interrompida por uma morte violenta, tenta continuar em outra forma: planta, flor, fruto”. (CHEVALIER, 1986 – pág.: 892). Isto é, a utilização da rosa pode ser uma forma de representar a interrupção da vida a partir de uma morte violenta.



Figura 8: Portão da capela com rosas vermelhas. Foto: Ana Eliza Caniatti, 2013.

Circulação das estatuetas

Segundo Braga, na cidade de Curitiba, a comercialização dos itens com a imagem de Maria Bueno não ocorre nas lojas que vendem artigos católicos, os itens comercializados são encontrados nas floriculturas que cercam o Cemitério Municipal. Além desses lugares, é possível encontrar com facilidade as estatuetas fabricadas em gesso, nas lojas ligadas à disseminação dos cultos afro-brasileiros. Braga afirma que esse é um relevante indicativo da aceitação da santa em diversas praticas religiosas, inclusive no campo mediúnico.

Os objetos mais vendidos são as estatuetas do busto de Maria Bueno, fabricadas em gesso. Podem ser vendidas com policromia ou mesmo sem pintura. Em pesquisa realizada entre os dias 18 e 29 de março de 2013, os valores variam entre R\$ 2,00 (dois reais) e R\$ 15,00 (quinze reais) nas imagens que não possuem pintura e a partir de R\$ 20,00 (vinte reais) as imagens já policromadas.

É possível estabelecer a comparação com as imagens de santos que foram canonizados pela igreja. Onde os materiais empregados e os custos variam bastante. As imagens de santos canonizados são confeccionadas em resina, gesso e madeira, e até materiais mais nobres, como madrepérola e marfim. A diferença mais evidente está no fortalecimento da iconografia do santo, que se torna invariável após a canonização católica. A imagem não canonizada pela igreja possui certa variabilidade/liberdade estética que pode refletir na interpretação iconográfica. É possível encontrar amplas variações nas imagens comercializadas de Maria Bueno, apenas a forma é invariável.

Considerações finais

O episódio da morte de Maria Bueno marcou a população da cidade e da Região de Curitiba, que rapidamente elegeu-a como santa. Nas pesquisas realizadas foi possível observar as diferentes abordagens realizadas sobre o fenômeno Maria Bueno. Houve pesquisadores que abordaram sua história sob o ponto de vista das leis contra agressões às mulheres e crimes passionais; outros estudiosos abordaram o tema sob o aspecto das manifestações da santa no campo mediúnico.

É possível constatar alterações nas principais representações imagéticas da santa, suas estatuetas e outros objetos que são comercializados por lojas de artigos umbandistas. As diversas cores usadas para representar o tom de sua pele, que, em tese, apontam para um possível processo de branqueamento da santa. O que manifesta resquícios de uma sociedade que acabara de passar pela abolição da escravatura.

Assim foram surgindo várias versões na história de Maria Bueno e do episódio de sua morte, que fez dela uma figura pública, lembrada e homenageada com oferendas no Dia de Finados, com os ex-votos que ladeiam seu túmulo no cemitério, com as rosas vermelhas que são depositadas em sinal de agradecimento. As cores usadas para identificar a santa Maria Bueno aproximam-na da iconografia tradicional cristã, já enraizada no imaginário popular. É possível que Maria da Conceição Bueno não seja canonizada pela Igreja Católica, mas, certamente seus ícones continuaram servindo de testemunho artístico aos seus fiéis, aos estudiosos e a população dessa cidade.

111

Referências

- BERNADET, Jean-Claude. **A Bíblia e as imagens**. In: *Cultura Vozes*. nº 4. Julho-Agosto. 1997. Pág.:105.
- CERTEAU, Michel de. **Uma variante: a edificação hagiográfica**. In: “A escrita da História”. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1982.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Trad: Vera da Costa e Silva. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000
- DANIELOU, Jean, MARROU, Henri. **Nova História da Igreja**. Vol. I. Dos primórdios a São Gregório Magno. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GUIMARÃES, Luciano. **A Cor Como Informação**: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. São Paulo : Annablume, 2000.
- JURKEVICS, Vera Irene. **Os Santos da Igreja e os Santos do Povo**: devoções e manifestações da religiosidade popular. UFPR, 2004. (Tese de Doutorado).

MARQUES, Lúcia. **Metodologia do cadastramento de bens móveis da Igreja: escultura sacra - imaginária**. 2ed revista e ampliada. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; EGBA, 2000. 80 p. (Coleção Apoio, 58).

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo, 1993.

PANOFSKY, Erwin. ***Significado nas Artes Visuais***. 3^a. ed. São Paulo, SP : Perspectiva, 2011.

PEDROSA, Israel. **Da Cor à Cor Inexistente**. 10^oed. Rio de Janeiro : Senac Nacional, 2009.

SANTOS, Conceição Aparecida dos. **Como Nascem os Santos : o caso Maria Bueno**. UFPR, 2010. (Dissertação de Mestrado)

STOLL, Sandra Jacqueline. [et al.] **Maria Bueno: santa de casa**. Curitiba, PR: Edição do Autor, 2011.

Periódicos

GAZETA DO POVO. **Maria Bueno, a mártir que se glorifica pela força dos seus crentes**. Curitiba, pág. 03, 18 de jan. de 1934.

DIÁRIO DO COMÉRCIO. **Assassinato**. Curitiba, p 02, 30 de janeiro de 1893.

A REPÚBLICA. **Crime**. Curitiba, 01 de fevereiro de 1893.

_____. **Crime**. Curitiba, 02 de março de 1893.

_____. Curitiba, pág 02. 14 de julho de 1893.

Internet

PROJETO HISTÓRIA, **Santos de Casa**, São Paulo, n° 37, p 237-260, dez de 2008. Consultado em 2013. Disponível em <http://revista.pucso.br/index.php/revph/article/view>

SISSON, Marina V. L. C. **História da Iconografia Bizantina**. Consultado em Abril de 2013. Disponível em http://www.iconografiabrasil.com/Atelie_Theotokos_Pantanassa.htm.